

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Return*

Autor: *Hisham Matar*

Copyright © Hisham Matar, 2016

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Beatriz Sequeira*

Revisão: *Anabela Macedo/Editorial Presença*

Ilustração da capa: *Jonathban Gray*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, julho, 2018

Depósito legal n.º 442 257/18

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Índice

1. Alçapão	11
2. Fato Preto	24
3. O Mar	36
4. A Terra	43
5. Blo'thaah	47
6. Poemas	58
7. A Sua Saúde? A Sua Família?	69
8. As Tréguas e a Clementina	74
9. O Velho e o Seu Filho	83
10. A Bandeira	92
11. A Última Noite	99
12. Bengasi	110
13. Noutra Vida	120
14. A Bala	128
15. Maximiliano	149
16. A Campanha	164
17. O Filho do Ditador	176
18. As Boas Maneiras dos Abutres	195
19. O Discurso	201
20. Anos	211
21. Os Ossos	224
22. O Pátio	238
Agradecimentos	245

Alçapão

Manhã cedo, março de 2012. A minha mãe, a minha mulher, Diana, e eu estávamos sentados numa fila de cadeiras aparafusadas ao chão de azulejos de uma sala de embarque no Aeroporto Internacional do Cairo. Uma voz anunciou que estava previsto que o voo 835 para Bengasi partisse a horas. De vez em quando, a minha mãe olhava-me ansiosamente. Diana também parecia preocupada. Pousou uma mão no meu braço e sorriu. Devia levantar-me e dar uma volta, disse para mim mesmo. Mas o meu corpo permanecia rígido. Nunca me sentira tão capaz de me manter imóvel.

O terminal estava quase vazio. Havia apenas um homem sentado na fila de cadeiras voltada para nós. Tinha excesso de peso, um ar estranho, talvez andasse pelos cinquenta e muitos anos. Algo na forma como se sentava — as mãos entrelaçadas sobre o colo, a inclinação do tronco para a esquerda — transmitia uma imagem de resignação. Seria egípcio ou líbio? Estaria de visita ao país vizinho ou a regressar a casa após a revolução? Teria sido pró ou anti-Kadhafi? Talvez fosse um daqueles indecisos que guardavam as suas reservas só para si.

A voz do anunciante voltou. Estava na hora de embarcar. Apercebi-me de que estava parado, na frente da fila, com Diana ao meu lado. Em mais do que uma ocasião, ela tinha-me levado à cidade onde nascera, no Norte da Califórnia. Conheço as plantas, a cor da luz e as distâncias do lugar onde ela cresceu. Agora, ia,

por fim, levá-la à minha terra. Ela tinha trazido a *Hasselblad* e a *Leica*, as suas duas máquinas fotográficas de eleição, e uma centena de rolos. Diana trabalha com um grande rigor. Quando pega na ponta de um fio, segue-o até ao fim. Sabê-lo entusiasmava-me e preocupava-me. Sinto-me relutante em dar à Líbia algo mais além daquilo que ela já me roubou.

A minha mãe andava de um lado para o outro junto das janelas que davam para a pista, a falar ao telemóvel. As pessoas — sobretudo homens — começavam a encher o terminal. Eu e Diana estávamos parados na frente de uma longa fila que serpenteava atrás de nós como um rio. Fingi ter-me esquecido de alguma coisa e puxei-a para um lado. Voltar, ao fim de todos estes anos, não era boa ideia, ocorreu-me subitamente. A minha família partira em 1979, trinta e três anos antes. Esse era o abismo que separava o homem do rapaz de oito anos que eu era então. O avião iria atravessar esse fosso. Com certeza, este tipo de viagem era imprudente. Poderia roubar-me uma capacidade que me esforçara arduamente por cultivar: a de viver longe de lugares e de pessoas que amo. Joseph Brodsky estava certo. Nabokov e Conrad também. Foram artistas que nunca regressaram. Cada um deles tentou, à sua maneira, curar-se do seu país. O que se deixou para trás dissolveu-se. Se voltarmos, teremos de encarar a ausência ou o desvanecimento do que estimávamos. Mas Dmitri Shostakovich, Boris Pasternak e Naguib Mahfouz também tinham razão: nunca abandonem a pátria. Se partirem, as ligações que têm com a origem serão cortadas. Passarão a ser como um tronco morto, duro e oco.

O que se faz, quando não se pode partir nem se pode voltar?

Em outubro de 2011, pus a hipótese de nunca voltar à Líbia. Estava em Nova Iorque, a caminhar pela Broadway, o ar frio e vivo, quando a proposta se me apresentou. Parecia imaculada, um pensamento que a minha mente fabricara de forma independente. Como nos momentos de embriaguez da juventude, senti-me temerário e invencível.

Visitara Nova Iorque no mês anterior, a convite do Barnard College, para proferir uma conferência acerca de romances sobre

o exílio e o distanciamento. Mas possuía uma ligação mais antiga com a cidade. Os meus pais tinham-se mudado para Manhattan na primavera de 1970, quando o meu pai fora nomeado primeiro-secretário da Missão Líbia junto das Nações Unidas. Nasci nesse outono. Três anos depois, em 1973, voltámos para Trípoli. Nos anos que se seguiram, talvez tenha visitado Nova Iorque quatro ou cinco vezes, sempre fugazmente. Por isso, embora tivesse acabado de voltar à cidade onde nascera, era um lugar que eu mal conhecia.

Nos trinta e seis anos desde que saíramos da Líbia, eu e a minha família tínhamos construído associações com várias cidades substitutas: Nairobi, para onde nos dirigimos depois de fugirmos da Líbia, em 1979, uma cidade que continuámos a visitar desde então; Cairo, onde nos instalámos num exílio indefinido, no ano seguinte; Roma, um local de férias para nós; Londres, para onde fui estudar aos quinze anos e onde há vinte e nove anos tento persistentemente construir uma vida; Paris, para onde, cansado e aborrecido de Londres, me mudei aos trinta e poucos anos, prometendo nunca mais voltar para Inglaterra, apesar de ter acabado por voltar para lá dois anos mais tarde. Em todas estas cidades me imaginara um dia a viver calmamente naquela ilha distante de Manhattan, onde nascera. Imaginava uma pessoa conhecida recentemente, talvez num jantar, num café ou num balneário, após umas longas braçadas numa piscina, a fazer aquela pergunta cansativa:

— De onde é?

E eu, imperturbável e livre da agitação habitual, responderia casualmente:

— De Nova Iorque.

Nestas fantasias, via-me contente pelo facto de aquela afirmação ser ao mesmo tempo verdadeira e falsa, como um truque de magia.

O facto de eu ter de me mudar para Nova Iorque no meu quadragésimo ano de vida, enquanto a Líbia se desmoronava, e de isto ocorrer a 1 de setembro, o dia em que, em 1969, um jovem capitão chamado Muamar Kadhafi depusera o rei Idris, e em que muitas das componentes importantes da minha vida — o lugar onde eu vivia, a língua em que escrevo, a língua que estou a utilizar agora

para escrever este texto — tinham sido postos em marcha: tudo isto me impedia de afastar a ideia de que havia uma qualquer espécie de vontade divina em ação.

Em qualquer história política da Líbia, a década de oitenta do século xx é um capítulo bastante sórdido. Enforcaram os oponentes do regime em praças públicas e em estádios desportivos. Os dissidentes que fugiram do país foram perseguidos — tendo alguns sido raptados ou assassinados. Foi também nos anos oitenta que a Líbia teve pela primeira vez uma resistência armada e determinada contra a ditadura. O meu pai era uma das figuras mais destacadas da oposição. A organização a que ele pertencia tinha um campo de treinos no Chade, a sul da fronteira com a Líbia, e várias células clandestinas no interior do país. A carreira do meu pai no exército, o seu breve mandato como diplomata e os meios privados que ele conseguira reunir durante a década de setenta do século xx, quando se tornou um homem de negócios bem-sucedido — a importar produtos tão diversos como veículos *Mitsubishi* e sapatos desportivos *Converse* para o Médio Oriente —, tornaram-no um inimigo perigoso. A ditadura tentara suborná-lo, tentara intimidá-lo. Recordo-me de, uma tarde, estar sentado ao lado dele, no nosso apartamento no Cairo, quando tinha dez ou onze anos, com o peso do braço dele sobre os meus ombros. Na cadeira em frente estava um dos homens a quem eu tratava por «tio» — homens que, de alguma forma, eu sabia serem aliados ou seguidores dele. A palavra «compromisso» foi proferida, e o meu pai respondeu:

— Não vou negociar. Não negocio com criminosos.

Sempre que estávamos na Europa, ele trazia uma arma com ele. Antes de entrar no automóvel, pedia-nos que nos afastássemos muito. Ajoelhava-se e observava o chassis, colocava as mãos em concha e espreitava pelas janelas, para ver se detetava qualquer indício de uma montagem de ligações. Homens como ele tinham sido alvejados em estações de comboio e em cafés, os seus carros tinham sido armadilhados. Durante a década de oitenta, quando eu ainda estava no Cairo, lera num jornal a notícia da morte de um famoso economista líbio. Estava a sair de um comboio na

Stazione Termini, em Roma, quando um estranho lhe encostou uma pistola ao peito e premiu o gatilho. A fotografia impressa ao lado do artigo exibia a figura do morto coberto por folhas de jornal, provavelmente do jornal desse dia, que o tapavam até aos tornozelos, deixando os seus sapatos engraxados a apontar para o ar. Noutra ocasião, publicaram uma reportagem sobre um estudante líbio que fora abatido a tiro na Grécia. Estava sentado na esplanada de um café, na Praça Monastiraki, em Atenas. Uma *Vespa* parou e o homem que vinha sentado por trás do condutor apontou uma arma ao estudante e disparou vários tiros. Um pivô líbio do Serviço Mundial da BBC foi morto em Londres. Em abril de 1984, realizou-se uma manifestação em frente à Embaixada da Líbia, em St. James's Square. Um dos funcionários da embaixada abriu uma janela de guilhotina no primeiro andar, estendeu uma metralhadora e pulverizou a assistência. Uma mulher-polícia, Yvonne Fletcher, morreu e onze manifestantes líbios ficaram feridos, alguns deles com gravidade.

A campanha de Kadhafi para perseguir e capturar críticos exilados — anunciada por Moussa Koussa, o chefe dos serviços de informações externos, num encontro público, no início da década de oitenta do século xx — foi alargada à família dos dissidentes. O meu único irmão, Ziad, tinha quinze anos quando partiu para um colégio interno na Suíça. Algumas semanas mais tarde, a meio do semestre, voltou para o Cairo. Fomos todos esperá-lo ao aeroporto. Quando ele surgiu no meio dos passageiros que desembarcavam do avião na sala de chegadas, o seu rosto estava mais pálido do que me recordava de alguma vez ter visto. Alguns dias antes, vira a minha mãe fazer vários telefonemas, com o dedo a tremer, enquanto rodava o disco.

O colégio suíço ficava distante, no cimo dos Alpes. O único transporte público para a aldeia mais próxima era um teleférico, que funcionava durante apenas algumas horas, a meio do dia. Dois dias seguidos, Ziad reparara num automóvel estacionado no caminho do lado de fora do portão principal do colégio. Lá dentro estavam quatro homens. Tinham o cabelo comprido, tão característico dos membros dos Comités Revolucionários de Kadhafi. Uma noite,

já tarde, Ziad foi chamado a atender um telefonema na secretaria do colégio. Do outro lado da linha, um homem disse:

— Sou amigo do teu pai. Faz exatamente o que eu te disser. Tens de sair já e de apanhar o primeiro comboio para Basileia.

— Porquê? O que é que aconteceu? — perguntou Ziad.

— Não te posso dizer agora. Tens de te apressar. Apanha o primeiro comboio para Basileia. Eu estarei lá e explico-te tudo.

— Mas estamos a meio da noite — replicou Ziad.

O homem recusou-se a dar explicações adicionais. Continuou simplesmente a repetir:

— Apanha o primeiro comboio para Basileia.

— Não posso fazer isso. Não sei quem o senhor é. Por favor, não volte a telefonar para aqui — disse Ziad, e desligou.

A seguir, o homem telefonou para a minha mãe, que depois telefonou para o colégio. Disse a Ziad que tinha de sair imediatamente do colégio e indicou-lhe o que fazer.

Ziad acordou o professor preferido dele, um jovem licenciado em Cambridge, que provavelmente achara divertido ensinar Literatura Inglesa nos Alpes e esquiar entre as aulas.

— Senhor professor, o meu pai vai ser operado e pediu para me ver antes de entrar no bloco operatório. Preciso de apanhar o primeiro comboio para Basileia. Pode levar-me, por favor, à estação?

O professor telefonou à minha mãe e ela confirmou a história de Ziad. O diretor teve de ser acordado. Telefonou à minha mãe e, depois de também ele estar convencido, o professor de Ziad consultou o horário dos comboios. Havia um comboio para Basileia dali a quarenta minutos. Se se apressassem, talvez conseguissem apanhá-lo.

Tiveram de passar pelo automóvel; não havia outra saída. Ziad fingiu estar a apertar os atacadores dos sapatos quando iam a passar pelos homens. O professor conduziu cuidadosamente pela estrada montanha abaixo, cheia de curvas. Alguns minutos mais tarde, surgiram uns faróis atrás deles. Quando o professor disse «Creio que estão a seguir-nos», Ziad fingiu não ter ouvido.

Na estação, Ziad correu para o meio da multidão e escondeu-se nos sanitários públicos. Ouviu o comboio a chegar à estação.

Esperou até este se imobilizar completamente, contou alguns segundos para que os passageiros desembarcassem e os novos embarcassem, correu e entrou no comboio. As portas fecharam-se e as carruagens moveram-se. Ziad tinha a certeza de que conseguira despistá-los, mas depois os quatro homens apareceram, avançando pelo corredor central. Viram-no. Um deles sorriu-lhe. Seguiram-no de uma carruagem para a outra, murmurando:

— Puto, julgas que és homem? Então, vem cá e mostra-nos!

Na parte da frente do comboio, Ziad encontrou o revisor a conversar com o maquinista.

— Estes homens estão a seguir-me — disse-lhe Ziad, sem dúvida com a voz a tremer de medo, porque o revisor acreditou logo nele e disse-lhe que se sentasse ao seu lado. Vendo aquilo, os quatro homens retiraram-se para a carruagem anterior. Quando o comboio chegou, Ziad viu homens de uniforme à espera, na plataforma. O sócio do meu pai, que tinha telefonado nessa noite, estava entre eles.

Recordo-me de Ziad contar estes detalhes enquanto estávamos sentados à mesa de jantar. Senti-me absolutamente dominado por uma sensação de segurança e de gratidão, assim como por um novo receio, intenso e palpitante, no meu íntimo. Mas, olhando para mim, ninguém o poderia adivinhar. Durante todo o tempo em que Ziad falava, eu fingia estar entusiasmado com a aventura dele. Só mais tarde, nessa noite, me começou a pesar na consciência. Não conseguia parar de pensar no que os homens tinham dito, que Ziad nos murmurara várias vezes, simulando na perfeição o tom ameaçador e o sotaque de Trípoli:

— Puto, julgas que és homem? Então, vem cá e mostra-nos!

Pouco tempo depois deste episódio, quando tinha doze anos, precisei de consultar um oftalmologista. A minha mãe meteu-me num avião e eu viajei sozinho do Cairo para Genebra, onde o meu pai me iria buscar. Falámos por telefone antes de eu partir para o aeroporto.

— Se, por algum motivo, não me encontrares nas Chegadas, dirige-te ao balcão de informações e pede-lhes para chamarem este nome — disse, e leu um dos nomes com que viajava.

Eu conhecia-o muito bem. — Seja o que for que fizeres, não lhes dêes o meu nome verdadeiro.

Quando cheguei a Genebra, não o vi. Procedi como ele me indicara e dirigi-me ao balcão de informações, mas quando a mulher que estava sentada atrás do balcão me perguntou o nome dele, entrei em pânico. Não me conseguia lembrar. Vendo a minha agitação, ela sorriu e entregou-me o microfone.

— Gostaria de ser o senhor a fazer o aviso?

Peguei no microfone e disse:

— Pai, pai — várias vezes, até o ver a correr na minha direção, com um enorme sorriso no rosto. Senti-me envergonhado e lembro-me de lhe ter perguntado, enquanto saíamos do aeroporto: — Porque é que eu não podia dizer simplesmente o seu nome? O que receia? — Caminhámos por entre a multidão, e enquanto o fazíamos, passámos por dois homens que falavam em árabe com um sotaque líbio perfeito. Ouvir por acaso o nosso dialeto, naqueles anos, causava-me pânico.

— Como é mesmo o aspeto desse tal Jaballa Matar? — estava um deles a perguntar ao outro. Mantive-me em silêncio e nunca mais voltei a queixar-me dos complicados preparativos de viagem do meu pai.

Para o meu pai, estava fora de questão viajar com o passaporte verdadeiro. Utilizava documentos falsos com pseudónimos. No Egito, sentíamos-nos seguros. Mas, em março de 1990, o meu pai foi raptado do nosso apartamento no Cairo pela polícia secreta egípcia e entregue a Kadhafi. Levaram-no para a prisão de Abu Salim, em Trípoli, que era conhecida como «A Última Paragem» — o lugar para onde o regime enviava aqueles de quem se queria esquecer.

Em meados da década de noventa do século xx, várias pessoas arriscaram a vida para fazerem chegar clandestinamente à minha família três cartas do meu pai. Numa delas, o meu pai escreve:

«A crueldade deste lugar ultrapassa muito tudo o que ouvimos sobre a prisão-fortaleza da Bastilha. A crueldade está em tudo, mas eu mantenho-me mais forte do que as táticas de opressão deles... A minha testa não sabe como vergar-se.»

Noutra carta, surge a seguinte frase:

«Chega a passar um ano inteiro sem que eu veja o Sol ou me seja permitido sair desta cela.»

Numa prosa calma, precisa e por vezes poética, demonstra empenho em ser paciente.

«E, agora, uma descrição deste nobre palácio... A cela é uma caixa de betão. As paredes são feitas de blocos prefabricados. Tem uma porta de aço que não deixa entrar o ar. Uma janela que está a três metros e meio do chão. No que toca a mobília, é de estilo *Luís XVI*: um velho colchão, gasto por muitos outros detidos antes de mim, rasgado em vários sítios. O mundo aqui é vazio.»

Através destas cartas e dos testemunhos de prisioneiros que consegui reunir, com a ajuda da Amnistia Internacional, da Human Rights Watch e da ONG suíça TRIAL, sabemos que o meu pai esteve na prisão de Abu Salim pelo menos entre março de 1990 e abril de 1996, altura em que foi retirado da cela que ocupava e levado para uma ala secreta da mesma prisão, para outra prisão ou executado.

No final de agosto de 2011, Trípoli caiu, e os revolucionários apoderaram-se de Abu Salim. Derrubaram as portas das celas à marretada e todos os homens que viviam amontoados no interior daqueles caixotes de betão saíram para a luz do Sol. Eu estava em casa, em Londres. Passei o dia a falar ao telefone com um dos homens que se esforçavam afincadamente por derrubar as portas de aço das celas à martelada.

— Esperem, esperem — gritava ele, enquanto eu ouvia o martelo de forja dele a bater no aço. Não era como o som de um sino numa área aberta, mas como o de um sino enterrado, como uma recordação, a vibrar: *Quero estar lá mas não quero lá estar*. Inúmeras vozes gritavam: «Deus é grande!» Ele entregou o martelo a outro homem e ouvi-o arquejar, com determinação e triunfo em cada

respiração. *Quero estar lá mas não quero lá estar.* Chegaram a uma cela na cave, a derradeira. Ouviam-se muitos gritos, pessoas que competiam umas com as outras para ajudar. Ouvi o homem gritar:

— O quê? Lá dentro?

Havia confusão. Depois ouvi-o gritar:

— O quê? Tem a certeza?

Voltou a pegar no telefone e disse-me que dentro da cela se encontrava uma pessoa importante de Ajdabiya, a cidade natal do meu pai, que estava em isolamento há muitos anos. Eu não conseguia falar: *Quero estar lá mas não quero lá estar.*

— Não desligue — disse-me o homem ao telefone. Com intervalos de poucos segundos, repetia: — Não desligue. — Se demorou dez minutos ou uma hora, não consigo dizer. Quando, por fim, deitaram a porta abaixo, encontraram um homem idoso, cego, numa cela sem janelas. A pele dele não estava exposta ao Sol havia muitos anos. Quando lhe perguntaram como se chamava, ele respondeu que não sabia. Quem era a família dele? Não sabia. Há quanto tempo ali estava? Aparentemente, perdera a memória. Tinha apenas um bem em seu poder: uma fotografia do meu pai. Porquê? O que é que ele era ao meu pai? O detido não sabia. E, embora não se conseguisse recordar de nada, ficou feliz por ser libertado. Foi essa a palavra que o homem que estava a falar comigo ao telefone utilizou: «feliz». Eu queria fazer perguntas sobre a fotografia. Era recente ou antiga? Estava pendurada na parede, guardada debaixo da almofada ou encontraram-na no chão, ao lado da cama do homem? Havia alguma cama? O prisioneiro tinha cama? Não fiz nenhuma destas perguntas. E quando o homem disse «Lamento», agradeçi-lhe e desliguei.

Em outubro, enquanto me tentava concentrar nas aulas que lecionava em Nova Iorque, todas as prisões políticas, incluindo os compartimentos secretos subterrâneos, estavam a cair, um a seguir ao outro, nas mãos dos revolucionários. As celas iam sendo abertas, os homens lá dentro eram libertados e registados. O meu pai não estava em nenhuma delas. Pela primeira vez, a verdade tornou-se inegável. Era evidente que ele tinha sido abatido a tiro,

enforcado, morrera à fome ou fora torturado até à morte. Ninguém sabe quando, ou aqueles que sabem estão mortos, fugiram ou estão demasiado assustados, tornaram-se demasiado indiferentes para falar. Teria sido no sexto ano de detenção, quando deixámos de receber as cartas dele? Teria sido no massacre que aconteceu nesse ano, na mesma prisão, ocasião em que 1270 homens foram reunidos num local e fuzilados? Ou terá sido uma morte solitária, possivelmente durante o sétimo, oitavo ou nono ano de prisão? Ou no vigésimo primeiro, após o rebentamento da revolução? Poderia ter sido durante uma das muitas entrevistas que dei, defendendo a causa contra a ditadura? Ou talvez o meu pai não estivesse morto, como Ziad continuava a acreditar, mesmo depois de todas as prisões terem sido abertas. Poderia ter acontecido, esperava Ziad, que ele tivesse sido libertado e, devido a qualquer problema — perda de memória, perda da capacidade de visão, fala ou audição — não conseguisse encontrar o caminho de volta, como o conde de Gloucester, a deambular pela charneca em *O Rei Lear*. «Dai-me a vossa mão. Estais agora apenas a um pé / Da beira do abismo», diz Edgar ao pai cego, que decidira pôr fim à própria vida, um verso que me acompanha nestes últimos vinte e cinco anos.

Deve ter sido a história do prisioneiro que perdeu a memória que fez Ziad acreditar que, de alguma forma, o meu pai poderia estar vivo. Alguns dias depois de eu ter chegado a Nova Iorque, Ziad telefonou-me, pedindo-me que procurasse alguém que pudesse criar um retrato do que poderia ser o aspeto do meu pai nessa altura, para que pudéssemos afixá-lo pelo país todo e também divulgá-lo na Internet.

— Pode ser que alguém o reconheça — disse ele. Falei com uma artista forense, no Canadá. Ela pediu-me cópias do máximo número de fotografias possível do meu pai, dos irmãos dele e do meu avô. Quando as recebeu, telefonou-me a fazer uma série de perguntas sobre as condições a que ele tinha estado sujeito na prisão: a comida que ingeria, a possibilidade de tortura ou de doença. Dez dias depois, o retrato chegou. Tinha feito descair implacavelmente as bochechas, afundado os olhos, exagerado uma cicatriz simulada na testa. O pior do retrato era a sua credibilidade. Fez-me pensar

na possibilidade doutras mudanças. O que teria acontecido aos dentes, por exemplo, aos dentes que ele expunha ao Dr. Mazzoleni, em Roma, no nosso *check-up* anual? O dentista italiano costumava dizer sempre, causando em nós um orgulho silencioso:

— Deviam estar gratos à Líbia e aos seus minerais por terem uns dentes tão bons!

E o que teria acontecido à língua, com a sua forma peculiar de pronunciar o meu nome, à garganta amplificadora e a todas as partes daquela câmara de eco, à cabeça — as narinas e respectivas cavidades, o peso dos ossos, da carne e do cérebro — e o modo como alterava a ressonância daquela voz suave? Como soaria esta voz nova e mais velha? Nunca enviei o retrato a Ziad, e ele deixou de mo pedir. Mostrei-lho da vez seguinte em que estivemos juntos. Ele observou-o por instantes e disse:

— Não está fiel — concordei e voltei a guardar o retrato no envelope. — Não o mostres à mãe — acrescentou ele.

Nessa noite fria de outubro em Nova Iorque, comecei a duvidar tanto da minha capacidade para voltar à Líbia como da minha vontade de não o fazer. Entrei no nosso apartamento de Upper West Side e não falei a Diana da ideia «imaculada» que me ocorrera durante a minha caminhada. Jantámos. Levantei a louça da mesa e lavei-a devagar. A seguir, ouvimos música e fui dar um passeio pelas ruas escuras. Quase não consegui dormir nessa noite. Compreendi que nunca mais voltar à Líbia implicava nunca me permitir voltar a pensar naquilo, o que apenas conduziria a outra forma de resistência, e eu estava farto de resistência.

Saí do meu edifício ao nascer do dia. Estava contente com a indiferença de Nova Iorque. Sempre encarara Manhattan do mesmo modo que um órfão poderia pensar na mãe que o abandonara à porta de uma mesquita: não significava nada para mim, mas, ao mesmo tempo, significava tudo. Em momentos de desespero, significava a possibilidade de me enganar a mim próprio, convencendo-me de que me livrara da sensação de exílio. Sentia os pés pesados. Compreendi quanto envelhecera, mas também que continuava a ser pueril, como se uma parte de mim tivesse deixado de se desenvolver no momento em que saímos da Líbia. Era como a

fantasia de David Malouf sobre Ovídio no desterro — infantilizado pelo exílio. Dirigi-me para o meu gabinete na universidade. Queria mergulhar no trabalho. Tentei pensar na aula que ia dar nessa tarde sobre *O Processo*, de Kafka. Pensei na delicadeza de K. para com os dois homens que o vêm executar; na sua rendição triste e heroica; nas palavras que diz para si mesmo: «resta-me manter a mente calma e analítica até ao fim»; e na descoberta corretiva, pesarosa de que: «sempre quis agarrar o mundo com vinte mãos...». Disse para mim mesmo que era bom ter de pensar na aula. Passei por cima de uma grelha no passeio. Lá por baixo existia uma divisão com uma altura que quase não era suficiente para um homem se manter de pé e, seguramente, com uma largura que não lhe permitiria deitar-se. Um caixote cinzento e fundo no chão. Não fazia a mínima ideia sobre que utilidade teria. Sem saber como acontecera, estava de joelhos, a espreitar lá para dentro. Por muito que me esforçasse, não consegui encontrar um alçapão, um cano, nada que conduzisse ao exterior. Subitamente, percebi. Estava a chorar e conseguia ouvir-me.